

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



SANTOS, Manuel Luís de Macedo Farinha dos (Lisboa, 1923-Lisboa, 2001)

Arqueólogo, pré-historiador, professor universitário, museólogo e patrimonialista, Manuel Farinha dos Santos nasce em Lisboa, na freguesia da Penha de França, a 24 de agosto de 1923, nela falecendo a 29 de setembro de 2001. Filho de tenente miliciano de engenharia e engenheiro de máquinas graduado pelo Instituto Superior Técnico, e de antiga aluna do Curso de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa, M. Farinha dos Santos perde o pai aos 10 anos de idade e a mãe aos 15. Criado pelos avós maternos até ao fim da adolescência, convive com o universo livresco herdado do avô paterno, herói republicano, o que lhe faz nascer o gosto pela literatura e história. As dificuldades financeiras da família obrigam-no, porém, a dar explicações e a empregar-se aos 16 anos como dactilógrafo num escritório da Baixa, seguindo-se-lhe outros trabalhos e o serviço militar (Elogio do Prof. Dr., 2013, 16-17).

M. Farinha dos Santos conclui o sétimo ano no Liceu Camões, distinguindo-se em Literatura. Aos 19 anos, matricula-se como aluno voluntário no Curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa (FLUL). Quatro anos depois, casa com Esmeralda Farinha dos Santos, com quem tem dois filhos. Cursa árabe e sânscrito no Instituto de Línguas Orientais da Escola Superior Colonial; fraterniza com poetas; atua no Grupo Coral do Clube da Estefânia; dedica-se ao estudo das religiões.

Formação complementar que se revela essencial no cumprimento da missão que lhe é atribuída após chefiar os serviços marítimos do porto de Lisboa entre 1953 e 1954. Parte, então, em comissão para a Índia Portuguesa, onde permanece dois anos, como voluntário da missão para montar uma brigada da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) na qual ingressara em 1947 após cumprir o serviço militar como alferes (A História da PIDE, 2007), e por ela contratado em 1949 como chefe de brigada. É aqui, no Oriente, já como subinspetor da PIDE, que aprofunda o interesse já cultivado pela arqueologia, consultando a biblioteca da secção arqueológica da Biblioteca do Instituto Vasco da Gama de Goa (1871) e lendo livros da especialidade que lhe são emprestados pelo seu amigo Panduronga Pissurlencar (1894-1969), diretor do Arquivo Histórico do Estado da Índia (Elogio do Prof. Dr., 2013, 18-19).

Regressando a Lisboa com 34 anos, M. Farinha dos Santos inscreve-se nas cadeiras em falta para concluir a licenciatura e frequenta um curso livre de arqueologia ministrado por Manuel Afonso do Paço (1895-1968).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Orientado por Manuel Heleno (1894-1970), seu professor na FLUL e diretor do Museu Etnológico Português Dr. Leite de Vasconcelos (MEPLV), M. Farinha dos Santos estuda os exemplares de terra sigillata das coleções desta instituição museológica, com vista à elaboração da dissertação final intitulada “Contribuição para um melhor conhecimento de terra sigillata encontrada em Portugal. A terra sigillata do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos”.

Entre 1957 e 1963, M. Farinha dos Santos participa com M. Heleno nas escavações de Tróia, assumindo a sua direção em 1960, após tornar-se ‘colaborador eventual’ do MEPLV em 1958, ano em que integrara a comissão executiva do I Congresso Nacional de Arqueologia. Licenciado com 14 valores, M. Farinha dos Santos é convidado por M. Heleno, em 1959, para ‘segundo-assistente’ da Secção de História da FLUL, razão pela qual solicita, no ano seguinte, a sua exoneração da PIDE. Passa, então, a lecionar as cadeiras anuais de Pré-história, História da Civilização Romana e de História da Arte em Portugal, assim como as cadeiras semestrais de Antiguidade Oriental e Numismática, ao mesmo tempo que orienta aulas práticas no MEPLV, anexo à FLUL.

M. Farinha dos Santos cursa, ainda, espeleologia na Sociedade Portuguesa de Espeleologia (1948), sob direção de Carl Harpsoe, então cônsul da Dinamarca em Portugal, e do geólogo Jaime Martins Ferreira (1927-2011), coadjuvando, entre outros, José Camarate França (1923-1963) na descoberta de estações pré-históricas dos concelhos de Sintra e Loures. Realiza, também, o curso de Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais que finaliza em primeiro lugar, com 18 valores. Nesta sequência, é nomeado professor daquele curso e diretor do Panteão Nacional, em 1968, cargo do qual é afastado em 1975 (e nele reintegrado em 1982), ao abrigo do Decreto-Lei n.º 123/75, de 11 de março, que prevê a pena de demissão da função pública a todos os ex-funcionários da antiga PIDE (A História da PIDE, 2007).

Impossibilitado de exercer funções públicas, M. Farinha dos Santos é convidado, em finais dos anos 70, a cofundar a Licenciatura em História na Universidade Livre, nela regendo Arqueologia, Epigrafia e Numismática Greco-Romana. Em 1986, envolve-se na criação da Universidade Autónoma de Lisboa, onde assume o ensino da Pré-História e o Seminário de Arqueologia, instituindo, nos inícios dos anos 90, o Centro de Estudos Arqueológicos e o Curso de especialização em Arqueologia que permitirá a quem os frequenta doutorar-se na Universidade de Salamanca (Espanha), mercê da sua rede científica pessoal. M. Farinha dos Santos incentiva, em permanência, discentes e colaboradores a atualizar conhecimentos e a procurar uma colaboração científica interdisciplinar, institucional e internacional, porquanto fundamental ao conhecimento abrangente do passado a estudar. Estimula-os, de igual modo, a utilizar diferentes recursos tecnológicos, a exemplo da fotografia aérea, e a requerer o apoio de especialistas de instituições como os Serviços Geológicos de Portugal (1918), o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1946), o Centro Português de Atividades submarinas (1953) e o Instituto de Antropologia Professor Mendes Correia da Universidade do Porto.

Nomeado, entre 1964 a 1974, vogal da subsecção de arqueologia da 6.ª secção da Junta Nacional da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Educação, órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional, M. Farinha dos Santos emite vários pareceres sobre os trabalhos arqueológicos no país. Centrado em questões de salvaguarda, empenha-se no reforço de uma legislação eficiente e na criação de um organismo dotado dos meios necessários à descentralização do exercício arqueológico, em cooperação com centros de investigação universitários e museológicos. Contribui, então, significativamente para a criação, em 1972, do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, pioneiro em Portugal no estudo, valorização e divulgação do património arqueológico de uma vasta área, e do qual resultarem numerosos trabalhos publicados.

Abrangendo estudos sobre o mesolítico, megalitismo e romanidade, a produção arqueológica de M. Farinha dos Santos focaliza-se nos estudos pré-históricos, sobretudo artísticos, sem desmerecer outros períodos e temas, a exemplo do megalitismo, da romano e da salvaguarda patrimonial. Entre outros aspetos, a sua ação científica distingue-se pelo rigor colocado no trabalho de campo, no registo dos artefactos escavados e pela aplicação de métodos utilizados por outras ciências, como os geofísicos, ensaiados na gruta do Escoural que investiga ao longo de quatro campanhas (1963-1966) subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian (1956) e com o auxílio do MEPLV.

M. Farinha dos Santos divulga o seu trabalho junto dos pares através de comunicações orais apresentadas a encontros nacionais e internacionais, a exemplo dos congressos Nacionais de Arqueologia (de Portugal e de Espanha), dos Portuenses de Arqueologia, das Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, dos congressos da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas e dos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências. Os seus estudos são também publicados em mais de 150 trabalhos dados à estampa entre 1958 e 1999, nomeadamente em revistas da especialidade: *Antiquity*, *Zephyrus*, *Les Dossiers de l'Archéologie*, *O Arqueólogo Português*, *Ethnos*, *Boletim de História e Arqueologia*, *Anais da Academia Portuguesa da História e Filatelia* e *Numismática*.

Em 1967, o arqueólogo espanhol Martín Almagro Basch (1911-1984) convida M. Farinha dos Santos a viajar até Madrid para, equiparado a bolseiro pelo Instituto de Alta Cultura (1952), pronunciar duas conferências na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Complutense, e uma outra no Consejo Superior de Investigaciones Científicas (1939).

Defendendo a sensibilização das populações locais para as valências do património arqueológico e o afastamento de colecionadores e negociantes pouco escrupulosos, enquanto pedras basulares da preservação patrimonial, M. Farinha dos Santos concorre para a divulgação de conhecimentos junto de diferentes públicos. Profere, por isso, ciclos de palestras aos microfones da Emissora Nacional de Radiodifusão; concede entrevistas à Televisão; realiza conferências por todo o país e publica em periódicos de circulação nacional e regional, como o *Diário de Notícias*, *O Século*, *A Capital*, o *Diário de Lisboa*, o *Jornal de Notícias*, o *Jornal do Comércio*, *A Voz*, o *Diário da Manhã* e *O Comércio do Porto*. Dirige, ainda, as coleções da 'Verbo' "Historia Mundi – as Grandes Civilizações" (40 volumes) e "Biblioteca das Civilizações Primitivas" (14 volumes), redige entradas para a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura e publica "Pré-História de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Portugal”, com três edições (1972, 1974 e 1985). Leciona cursos livres de iniciação à arqueologia, entre 1966 e 1972, no Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional; nos Cursos Livres organizados aos sábados por Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020), em Santarém, no início dos anos 80; e nos Cursos Livres conduzidos na UA, na segunda metade da década de 90.

Membro do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (1933), da Secção de Pré-História da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde 1962, e Académico Correspondente e de Número da Academia Portuguesa da História (1970, 1980), M. Farinha dos Santos torna-se sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a partir de 1967, integrando, em 1969, a sua direção e a presidência da respectiva secção de pré-história, enquanto coorganiza, no seu âmbito, um colóquio dedicado à terminologia arqueológica, edita a respectiva revista, dirige o museu e secretaria as II Jornadas Arqueológicas (1972). A 28 de maio de 1998, é homenageado pela Universidade Autónoma de Lisboa, por intermédio do Reitor, Justino Mendes de Almeida (1924-2012), com a saudação “Manuel Farinha dos Santos: uma vida consagrada à Arqueologia (40 anos de atividade cultural)” (Elogio do Prof. Dr., 2013, 24), e, a 23 de abril de 2002, profere-se o seu Elogio na Assembleia Geral Extraordinária da Academia Portuguesa da História. Elogios de uma figura da história da arqueologia em Portugal, cuja relação entre produção de conhecimento e de património arqueológico, ideologia política e colaboração institucional com o ‘Estado Novo’ urge escrutinar para melhor conhecer uma das páginas mais obscuras da história intelectual do país, movimentando-se entre uma investigação escorada na descrição de artefactos escavados e um pensamento histórico enquadrável na narrativa estadonovense de recorte nacionalista.

Arquivo da Torre do Tombo – Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (atas de reuniões da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Direção-geral do Ensino Superior e das Belas Artes); Arquivo do Instituto de Alta Cultura (à guarda do Instituto Camões) (processo individual de Manuel Farinha dos Santos); Arquivo Histórico da Associação dos Arqueólogos Portugueses (atas de reuniões da Direção, da Assembleia Geral e da Secção de Pré-História); Arquivo Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa (atas da Secção de Pré-História); Arquivo Histórico do Ministério da Educação (atas de reuniões da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Direção-geral do Ensino Superior e das Belas Artes); Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia (correspondência de Manuel Heleno).

Bibliografia ativa: Algumas reflexões a propósito dos problemas da Pré-História Portuguesa, Porto, Ed. Maranus, 1962; “Vestígios de pinturas rupestres descobertos na Gruta do Escoural”, Sep. de O Arqueólogo Português, nova série, tomo V. Lisboa, INCM, 1964; Aplicação da fotografia aérea no levantamento de cartas arqueológicas, Lisboa, INCM, 1965; “Noções de Pré-história”, Sep. de Arquivo de Beja, Vol. XXIII, 1966; Arqueologia do concelho de Montemor-o-Novo – realizações, problemas e perspectivas, Montemor-o-Novo,

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 1967; “Protecção dos testemunhos da arte rupestre pré-histórica, Sep. das Actas das I Jornadas Arqueológicas, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1970; Pré-História de Portugal, Lisboa, Editorial Verbo, 1972; e ESTEVES, Joaquim Moura Possibilidades de aplicação do método da resistividade eléctrica na prospecção arqueológica, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1966; e FERREIRA, Octávio da Veiga, O monumento eneolítico de Santiago do Escoural, Sep. de O Arqueólogo Português, Série III, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1969; ; SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da, “Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão – Vale do Sado)”, Sep. de O Arqueólogo Português, Série III, vol. VI, 1972.

Bibliografia passiva: CARDOSO, João Luís, “Elogio do Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos”. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 10, 2001/2002, p. 11-37; Id., Elogio do professor Manuel Farinha dos Santos (1923-2001), Lisboa, Academia Portuguesa da História / Universidade Autónoma, 2013, p. 51-68; PIMENTEL, Irene Flunser, A História da PIDE, Lisboa, Círculo de Leitores / Temas e Debates, 2007.

Ana Cristina Martins